



Fonte: Acervo LABSOL

A TRAJETÓRIA DO LABORATÓRIO DE DESIGN SOLIDÁRIO NA CULTURA POPULAR

O projeto de extensão universitária Laboratório de Design Solidário - LABSOL, pertence ao Departamento de Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no campus de Bauru, interior de São Paulo e iniciou sua atuação em 2007, por iniciativa do Prof. Dr. Cláudio Roberto y Goya. O projeto desenvolve um interessante trabalho, aliando os conhecimentos do Design à produção artesanal, desenvolvendo novos produtos que reflitam aspectos identitários, sociais, históricos e culturais de cada grupo ou comunidade produtora de artesanato, atendidos em diversas regiões do Brasil, de acordo com os preceitos de Borges (2011).

(...)

CLAUDIO ROBERTO Y GOYA

INTRODUÇÃO

O projeto de extensão universitária Laboratório de Design Solidário - LABSOL, pertence ao Departamento de Design da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no campus de Bauru, interior de São Paulo e iniciou sua atuação em 2007, por iniciativa do Prof. Dr. Claudio Roberto y Goya. O projeto desenvolve um interessante trabalho, aliando os conhecimentos do Design à produção artesanal, desenvolvendo novos produtos que reflitam aspectos identitários, sociais, históricos e culturais de cada grupo ou comunidade produtora de artesanato, atendidos em diversas regiões do Brasil, de acordo com os preceitos de Borges (2011).

O LABSOL surgiu em 2007, após a visita do referido professor a uma feira de caridade, no município de Bauru. Na ocasião, ele encontrou um *stand* de venda de tapetes, que eram confeccionados a partir de tiras de tecido amarradas uma a uma, sobre um tecido rústico de juta, conhecidos como “tapetes de nozinho”. O processo de era bastante lento e trabalhoso e o preço de comercialização, ínfimos cinco reais. Indignado com o fato de um trabalho humano ser tão insuficientemente valorado, resolveu que a Universidade, mais especificamente a área de conhecimento do Design, poderia contribuir para melhorar tais condições. Convidou primeiramente um aluno, que trouxe outros consigo e foram visitar a instituição responsável pelo trabalho.

A Instituição Beneficente Cristã abriga pessoas com transtornos mentais diversos. Mesmo após o processo de desinstitucionalização psiquiátrica, os pacientes haviam perdido a referência ou contato com suas famílias, ou seja, não tinham para onde ir. O tratamento da instituição se fundava essencialmente na terapia ocupacional, porém os pequenos ganhos decorrentes das vendas dos tapetes eram utilizados para o custeio de algumas necessidades imediatas.

Os alunos e o professor se inteiraram do processo de produção e verificaram a prevalência de esforços repetitivos, pois cada interno se atinha a apenas uma tarefa. Associado ao processo, as peças produzidas não apresentavam a atratividade necessária para despertar o interesse de um público alvo a ser direcionado.

A equipe da UNESP sugeriu que os retalhos fossem organizados por cores e que os residentes pudessem escolher com que cores preferiam trabalhar, que o forro feito de retalhos fosse retirado do produto e que fossem criadas linhas sobre o forro de juta, para guiar a amarração dos retalhos de malha, além do rodízio nas diferentes atividades de confecção dos tapetes. Somente estas pequenas alterações conferiram aos tapetes melhor acabamento e uma palheta de cores mais definida, possibilitaram a sua quadruplicar seu valor de venda, a princípio. Em uma segunda etapa, o grupo se propôs a criar novos objetos a partir dos tapetes: almofadas, poltronas, *puffs*, entre outros, procurando criar outros tipos de tarefas



para além das de cortar e amarrar retalhos. Foi concebido um *toy art*, juntando à base de tapete, pequenas peças costuradas e bordadas, construindo uma peça que usava um quarto de área de um tapete original e era comercializado ao valor de quinze reais, lembrando que o tapete era inicialmente comercializado a cinco reais. (Figura 1)

Figuras 1 a 3: Usuária da Associação Beneficente Cristã; Cadeira D. Maria I e puff em exposição na Reitoria UNESP em São Paulo e Toys criados a partir da intervenção do LABSOL.
Fonte: Acervo LABSOL

A experiência bem sucedida incentivou a recém formada equipe a se lançar a outros trabalhos, tendo como norte, inicialmente, levar o conhecimento do design à parcela da população que não o acessa. O fato de a ação com a instituição beneficente ter sido noticiada na mídia local e seus resultados serem apresentados em um evento científico, atraiu grupos produtores de artesanato a entrar em contato com a Universidade. Novas ações foram surgindo e a equipe foi se consolidando com a chegada de novos alunos. O novo panorama fez surgir a necessidade de institucionalização, baseando-se, a princípio, em projetos similares, como, por exemplo, o projeto Design Solidário, realizado por A CASA, Museu Virtual de Artes e Artefatos Brasileiros, em parceria com diversas entidades, entre as quais a Design Academy Eindhoven, (BASTIAN, 2001).

Com o registro do projeto na Pró-reitoria de Extensão Universitária da UNESP, contando, a partir de então, com bolsistas e voluntários e demandas surgindo, era o momento de construir a identidade, metodologia e os princípios teóricos que o norteariam, apoiado, sobretudo, pela aproximação da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares como laboratório associado. A imersão e a profunda pesquisa bibliográfica resultaram na eleição de seus pilares conceituais: o Ecodesign, a Sustentabilidade e a Economia Solidária e principalmente o pensamento de Paulo Freire no que toca ao

relacionamento com os grupos de artesãos, uma vez que se compreendeu que o que se estabelecia era uma troca de saberes: o artesão detinha um saber e o Design, um outro tipo. Quando eles se somassem, ou melhor, se intercambiassem, constituiriam uma nova plataforma de conhecimento.

O projeto, que conta com onze anos de existência, perdura graças a escolha acertada na condução das demandas e a participação dos alunos. Passaram pelo LABSOL dezenas de graduandos dos cursos de Design, Relações Públicas e Engenharia de Produção, que foram trazendo seu frescor, aprendendo e ensinando, numa experiência descrita pelos participantes do projeto invariavelmente como única e inestimável. Foram centenas de produtos criados em parceria com dezenas de grupos e comunidades atendidas.

Com o decorrer do tempo, verificou-se a necessidade do registro das atividades, principalmente para a memória do projeto e para que os novos participantes se inteirassem das reflexões e dos trabalhos já realizados. Surge sua produção acadêmica, que se sistematiza por meio de artigos apresentados em congressos, periódicos e capítulos de livros, na importante divulgação dos resultados dos trabalhos desenvolvidos para comunidade acadêmica, função intrínseca da universidade, o que, como contrapartida vem fomentando a procura por parte das comunidades e proporcionando a possibilidade de que novas iniciativas se organizem, a fim de também

contribuir por uma sociedade socialmente justa e ambientalmente correta.

Embasamento

Com o passar dos anos o LABSOL desenvolveu sua reflexão teórica, apoiando-se em bases conceituais que referenciam seu trabalho: A Sustentabilidade, o Ecodesign, o Design Social, a Economia Solidária e a Dialogicidade que o guia no relacionamento com os grupos atendidos.

Sustentabilidade faz referência às condições sistêmicas, segundo as quais em nível regional e planetário, as atividades humanas não devem interferir nos ciclos naturais em que se baseiam tudo o que a resiliência do planeta permite, e, ao mesmo tempo, não devem empobrecer seu capital natural, que será transmitido às gerações futuras (MANZINI & VEZZOLI, 2008, p.27).

O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades. Essa preocupação tornou-se frequente nas últimas décadas, repercutindo mundialmente, principalmente entre os países mais industrializados. (Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD 1988).

Entende-se, portanto, que sustentabilidade é a capacidade de determinado grupo, de manter-se em um meio evitando acarretar

estes impactos e perturbações graves. Na proposta organizacional humana, que haja harmonia na convivência entre a natureza e o homem, obstando danos à biodiversidade e ecossistemas locais e planetários.

Ecodesign é o termo para a tendência em que o objetivo principal é projetar lugares, produtos e serviços que, de alguma forma, reduzam o uso de recursos não renováveis ou minimizem o impacto ambiental e tem sido visto como uma ferramenta necessária para que algum dia se alcance o desenvolvimento sustentável.

Para Manzini e Vezzoli (2008), o Ecodesign consiste no estudo e na análise dos recursos renováveis e não renováveis, além dos resíduos gerados, com a finalidade de criar formas de aplicação na produção de novos produtos. Pretende-se ampliar a vida útil desses dos recursos, minimizando o impacto ao meio ambiente.

Explicitam ainda que Ecodesign é “uma aptidão projetual, que concebe os aspectos do projeto, considerando também o impacto ambiental” (Manzini e Vezzoli, 2008, p. 18), e “considera-se o produto desde a extração dos recursos necessários para a produção dos materiais que o compõem (nascimento) até o último tratamento (morte) desses materiais após o uso do produto”. (Manzini e Vezzoli, 2008, p. 91)

É possível encontrar relação entre o Ecodesign e o Life Cycle Design (Ciclo de Vida do Produto), que por sua vez compreende a busca pela redução dos «inputs» e «outputs» durante o ciclo de vida de determinado ma-

terial ou produto, promovendo modificações nos processos de fabricação e desenvolvimento dos mesmos, reduzindo os impactos ambientais por eles causados. Esse declínio ocorre devido a fatores decididos durante a pré-produção, produção, distribuição, uso, reutilização e descarte do produto. Adentrando ao contexto do ciclo de vida, considera-se a possibilidade de reciclagem e/ou reutilização de seus materiais e/ou componentes, promovendo um acréscimo de tempo na vida útil dos materiais e produtos já produzidos.

As bases do Design Social foram fundadas por Papanek (1977), quando afirma que os designers tem a responsabilidade e a possibilidade de fazer mudanças no mundo através do Design e que o Design deveria se preocupar com as necessidades humanas e sociais avançando sobre o pensamento Ulmiano do Design a serviço da sociedade de consumo. Assim, o Design Social é uma abordagem de projeto que enfatiza as motivações e consequências sociais do processo de Design e tem como objetivo desviar o foco do Design no produto da elite econômica e no consumismo, promovendo o desenvolvimento social.

Economia Solidária tem em sua base a subversão da lógica capitalista e toda a formação da sociedade que sua prática engendra. Do modo de produção capitalista, deriva-se a competitividade e a prevalência do capital, em detrimento do ser humano. Singer (2002) elucida os efeitos da competição, muitas vezes escondidos, que são os perdedores da constante

competição e as conseqüentes e crescentes desigualdades sociais decorrentes. Para que a economia não seja mais produtora de desigualdades é necessário cessar a competição e iniciar a solidariedade.

Assim sendo, Singer define que a Economia Solidária:

[...] é uma economia de mercado com base associativista e cooperativista, voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços, buscando a valorização do ser humano e não do capital, dentro de um processo de democratização econômica (SINGER, 2002).

Dentro desse meio, as decisões são tomadas em conjunto buscando o benefício mútuo, pois são fundamentadas nos conceitos de cooperação, preservação dos recursos naturais e igualdade de poder na tomada de decisões e conseqüente responsabilidade para com a comunidade local onde o empreendimento está inserido.

A Dialogicidade é um dos principais pressupostos em que se base a teoria freiriana. O diálogo nasce na prática da liberdade, enraizado na existência, comprometido com a vida, que se historiciza no seu contexto. Seu oposto seria a educação bancária, aquela onde inexistente diálogo e as informações são depositadas no indivíduo, constituindo assim prática antialógica, como explica no seu livro Pedagogia do Oprimido (FREIRE, 1987).

Pode-se definir que a dialogicidade é a essência da educação como prática da liberdade. O diálogo é tratado como um fenômeno humano em Paulo Freire,

[...] se nos revela como algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também seus elementos constitutivos (FREIRE, 1987, p.89).

Não há palavra que não seja práxis, ou que não surja da práxis, quando pronunciamos a palavra, estamos pronunciando e transformando o mundo. Na dialogicidade estão sempre presentes as dimensões da ação e da reflexão. Ao pronunciar o mundo mostramos que humanamente existimos, se existimos, agimos e modificamos o mundo dado. Quando não há verdadeiro diálogo, não há encontro, amorosidade e respeito.

Podemos sintetizar a premissa expondo que:

O diálogo é este encontro dos homens, imediatizados pelo mundo, para pronunciar-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos de-

mais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito (FREIRE, 1987, p. 91).

Daí que concluímos que o diálogo é uma exigência existencial, é encontro.

METODOLOGIA

Metodologia de abordagem aos grupos e comunidades

Os trabalhos realizados pelo LABSOL são empíricos e de caráter prático. O projeto contém um conjunto de ações contínuas e sistematizadas de caráter educativo, cultural, político, científico ou tecnológico, desenvolvidas junto a outros setores da sociedade, que não estão dentro da universidade.

O LABSOL desenvolveu ao longo dos anos sua própria metodologia no que tange à relação com os grupos, a começar pela prospecção passiva. Considera que a demanda deve ser espontânea e jamais imposta e, portanto, fabricada. Os grupos ou comunidades é que vem à procura do projeto quando e se decidirem ser necessário. Para que seja conhecido e possa ser considerado como uma opção, é realizada a divulgação, que ocorre nos espaços acadêmicos e nos espaços externos, seja pela participação em eventos científicos como congressos e afins, apresentando o resultado de seus trabalhos, seja pela execução de oficinas ou palestras

que envolvem, respectivamente, técnicas e conhecimentos produzidos.

Também ocorre de entidades ligadas aos grupos e comunidades intermediarem o contato, como instituições de ensino, Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e órgãos públicos. Quando contatados, os membros do projeto realizam visitas de reconhecimento com o objetivo de traçar um diagnóstico real das possíveis dificuldades. Neste momento, solicitam ao grupo de artesãos que os ensinem as técnicas que conhecem, mostrem como os seus artefatos são produzidos e como são comercializados. A seguir, o laboratório busca pesquisar e desenvolver alternativas que impactuem na aceitação do que é produzido, procurando meios de expressar aspectos identitários do grupo e suas ligações com a cultura em que estão inseridos. Outro fundamento é que todas as etapas de produção são pautadas nos preceitos da sustentabilidade. O LABSOL não apoia a produção do artesanato que seja descolado dos princípios do Ecodesign, preconizando cada etapa, desde a escolha da matéria-prima, sua durabilidade e seu possível reaproveitamento ou descarte.

Esta fase de imersão dos membros do projeto, quando são realizadas pesquisas, pode ocorrer simultaneamente à fase de criação participativa, que ocorre junto ao grupo de artesãos. Durante um processo de tempo variável, de acordo com as peculiaridades, o projeto se dedica a ser um catalisador da ex-

pressão da criatividade, ao mesmo tempo em que oferece técnicas concernentes ao design para que possam aprimorar a produção. Antes de os artefatos criados irem de fato para o mercado, são realizadas feiras para a comercialização com o intuito de analisar e testar aceitação por parte dos consumidores.

Há um aspecto, no que se refere ao desenvolvimento do projeto, que se traduz em um caminho de mão dupla, onde há uma troca de saberes a todo tempo. O processo envolve a participação efetiva da população externa como sujeitos ativos.

Metodologia de projeto

É adotada a Metodologia do Projeto em Design do Produto (BAXTER, 2000), procurando atender as demandas das comunidades atendidas e o desenvolvimento de novos produtos que agreguem valor a produção artesanal, tendo em conta as questões socioculturais em que a associação está inserida. É utilizada pelo LABSOL tanto na reformulação dos produtos já existentes quanto na criação de novos, adaptando métodos e processos de produção. É importante manter todas as portas abertas para a geração de conceitos, desde que formuladas de maneiras realistas, dentro das possibilidades técnicas e econômicas da empresa (BAXTER, 2000, p. 176). No sétimo capítulo (Projeto conceitual), Baxter destaca que o termo conceito faz parte do processo de criação de uma peça de de-

sign. Afirma que a geração de maior número possível de conceitos é o ideal para o sucesso de um projeto conceitual para que o melhor seja selecionado. Propõe que o processo de desenvolvimento de produto bem como o objetivo necessita passar por etapas de observação de percepção do “problema”, considerando os aspectos visuais, de fabricação e técnicas utilizadas, as demandas do mercado, preocupação ecológica e com o custo envolvido, além da satisfação do consumidor.

O INÍCIO DO TRABALHO COM A CULTURA POPULAR - CARNAVAL BAURUENSE

Em 2013, o LABSOL foi convidado a compor uma parceria com o projeto NeoCriativa - Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa da FAAC UNESP no trabalho de composição do desfile de Carnaval de 2014 do Grêmio Recreativo Escola de Samba “Coroa Imperial da Grande Cidade”. A ideia foi de, através da parceria com os projetos de extensão da UNESP, promover e incentivar esta manifestação cultural popular, aproximando a comunidade local da Universidade.

Grêmio Recreativo Escola de Samba “Coroa Imperial Coroa Imperial da Grande Cidade

Carnaval 2014

No primeiro ano da parceria entre a escola de samba e o LABSOL, os trabalhos foram iniciados faltando pouco tempo para o carnaval. Após a descoberta de um depósito que continha a “sucata” dos carnavais anteriores, decidiu-se que este material poderia ser reutilizado na confecção das fantasias do Desfile de Carnaval de 2014.

Fez-se então uma coleta daquilo que parecia mais abundante. Devido ao tempo limitado, os participantes do projeto foram divididos em duas equipes: uma com a função de organizar o depósito, separando fantasias e materiais para serem utilizados e outra que deveria realizar o desenvolvimento do projeto das fantasias, bem como suas respectivas fichas técnicas e peças piloto, além das alegorias, carros e destaques.

Com o enredo previamente escolhido pela escola de samba, coube aos participantes do projeto, junto a comunidade, criar as fantasias e alegorias para o desfile. Em meio a pilhas de fantasias antigas e tendo em mão o enredo “Entre Ícaro e a Lua, os Sonhos!” que tratava do sonho humano de voar, deu-se início ao projeto.

Para cada fantasia e alegoria, foi realizado um brainstorm, que resultava num projeto imediatamente prototipado, o que tornou possível avaliar sua execução e fazer mudanças se necessário, tendo em mente que o processo projetual só se encerraria ao ser

apresentado, discutido e aprovado pelos integrantes da Escola de Samba e de sua comunidade. Após este processo, a peça piloto final foi elaborada, acompanhada de ficha técnica e de um conjunto de moldes. Algumas peças foram objeto de oficinas junto a comunidade, visando facilitar a produção em série, processo em que cada atividade deveria consumir o menor tempo possível e ter o melhor aproveitamento de materiais e recursos.

Diferentemente das fantasias de ala que seriam produzidas em série, a maioria dos Destaques - que são peças únicas que geralmente são vestidas pelos foliões que desfilam nos carros alegóricos - obedeceram a um processo diferente: foram montadas artesanalmente a partir do acervo de materiais e fantasias de outros carnavais e um sketch rápido dava início à sua confecção.

Em outubro de 2013, todos os protótipos haviam sido entregues, com seus respectivos moldes e fichas técnicas. Após o recesso acadêmico o projeto entrou em contato com a escola de samba para avaliar o andamento da confecção das fantasias e constatou que o trabalho ainda não havia sido iniciado, quando faltava pouco mais de um mês para o desfile de carnaval. A resolução tomada foi acompanhar de perto a confecção das fantasias. Em meio aos obstáculos enfrentados, pôde-se potencializar ao máximo o envolvimento com a comunidade. A troca de conhecimentos se intensificou e foi possível aos alunos conhecer ainda mais de perto uma realidade tão diferente da experienciada durante a vida universitária. Compreendeu-se que o conhecimento popular se difunde a partir do fazer e não pelas linguagens eruditas de projeto, prática que o LABSOL vinha adotando em outros grupos, mas que até aquele momento não havia se dado conta de seus reais efeitos. Como resultado, a Escola de Samba, última colocada no desfile anterior, obteve um salto para o terceiro lugar neste desfile.



Figuras 4 a 7: Carnaval de 2014 – Comissão de frente “O sonho de Ícaro”, com radiografias filetadas no lugar de plumas; Mestre sala e Porta bandeira “A rosa e o beija-flor”; Ala “Astros de voam no céu”; Ala das Baianas “Borboletas: A inspiração do voar real”. Fonte: Malavolta Jr – Jornal da Cidade.

Carnaval de 2015

Para o ano de 2015, o desenvolvimento do trabalho foi iniciado bem mais cedo do que no ano anterior em virtude da parceria já estar pré-estabelecida. A interação e as experiências adquiridas anteriormente, com os métodos e processos adaptados à necessidade, tornaram o trabalho mais ágil e preciso.

O método de desenvolvimento e de execução das peças piloto e fichas técnicas manteve-se semelhante ao ano anterior. A maior mudança foi o esforço de consolidação do modo de produção em série e a transmissão das técnicas de confecção das fantasias de forma oral.

As peças piloto foram novamente acompanhadas de ficha técnica e de moldes em material resistente. Procurou-se frisar a importância da ficha técnica no processo de desenvolvimento para auxiliar no cálculo de quantidade de material a ser utilizado para cada fantasia, evitando assim o desperdício e a sobra de material. Já o uso dos moldes rígidos auxiliaria no preparo dos materiais para uso na produção seriada.

O enredo escolhido para o desfile de 2015 foi intitulado “Quem não dança segura a criança”, e abordou os aspectos culturais e regionais relativos à dança brasileira, contrastando com a dança mundial. A escolha foi estratégica, visando a reutilização materiais dos carnavais anteriores. Para casar com o tema das regiões e culturas brasileiras, foi utilizada a chita, tecido florido e colorido de baixo custo. As fantasias desenvolvidas desta vez foram mais volumosas, criando compactação e conferindo a impressão de que a escola de samba era maior do que de fato o era. Como resultado destas escolhas projetuais, a Coroa Imperial recebeu o prêmio “Tamborim de Ouro” na categoria “Evolução” do programa de televisão especialista em Carnaval de Bauru “Casa de Bamba”.

Figuras 8 a 11: Carnaval de 2015 – Ala “Forró”; Carro alegórico “Boi Bumbá”; Ala das Baianas “Rainhas de Maracatu”; Ala “Carimbó”.
Fonte: Carnaval em Bauru.



Carnaval de 2016

Em 2016, a parceria se apropriou do acúmulo do conhecimento dos anos anteriores. O foco foi o refinamento de alguns aspectos da produção, como o acabamento das peças, a fim de aperfeiçoar ainda mais a produção.

Em função de ocorrências alheias à parceria, como problemas na administração da Coroa Imperial, falta de gerenciamento de recursos advindos da Secretaria da Cultura do Município de Bauru e ineficácia de captação de recursos próprios por meio de eventos - fonte tradicional na obtenção de recursos nas escolas de samba – houve um endividamento. Uma atitude positiva, no entanto, foi a quase a totalidade de devolução das fantasias logo após o desfile de 2015, possibilitando a reciclagem dos seus elementos. A atitude demonstrou que a Escola de Samba havia absorvido os conceitos de reutilização preconizados pelo LABSOL.

Apesar das fantasias terem sido resgatadas, os carros alegóricos foram deixados ao relento e muito do material que poderia ser reutilizado foi perdido. Por este motivo, a Coroa Imperial precisaria mais uma vez de um carnaval de baixo custo, o que gerou a desistência da primeira ideia de enredo, que tratava da questão da fé, em função, especialmente da sua complexidade estética, que acarretaria na necessidade de um orçamento maior.

Usando a técnica de *brainstorm*, foi escolhido um novo enredo. O reaproveitamento dos elementos dos carnavais anteriores foi poten-

cializado e foram mantidos dois carros alegóricos do enredo anterior: o carro sobre o estilo barroco e seus santos, fazendo com que algumas fantasias de destaque que compuseram o desfile fossem utilizadas mediante mudanças de baixo custo; e o carro dos orixás, escolhido principalmente por a Coroa Imperial ser uma escola de matriz afrodescendente, fator que o LABSOL procurou ressaltar e enaltecer desde o primeiro enredo, em 2014. Este foi um dos principais cuidados tomados por conta no desenvolvimento do enredo: a valorização das pessoas de cor da pele negra e de sua cultura, promovendo a elevação da autoestima da comunidade.

O enredo eleito versou sobre a formação da América Latina e preconizou difundir um sentimento de união, partindo do conhecimento da baixa interação dos brasileiros com as nações vizinhas. O enredo denominou-se “América – Mestiça, Mãe – Terra”, e contou um pouco da história da formação do continente e das distintas regiões etnográficas.

As fantasias que no ano anterior contavam com muitos babados e cores que possibilitaram a confecção de diversas fantasias do carnaval do ano de 2016. Algumas fantasias de 2015 possuíam adornos de cabeça que poderiam ser utilizados como peças culturais tradicionais para representar povos indígenas no novo enredo. O número de alas foi reduzido de doze para dez.

Com o intuito de impulsionar a auto-suficiência da comunidade, o LABSOL decidiu

participar apenas da produção de peças piloto e promover oficinas para demonstrar a montagem das fantasias. Absteve-se de envolver-se com a produção das fantasias finais e com o acabamento dos carros alegóricos. O desfile da Coroa Imperial recebeu notas altas dos jurados, ficando em terceiro lugar na classifi-



Figuras 12 a 14: Carnaval de 2016 – Comissão de frente “Astecas”; Ala “Os Portugueses”; Ala “Índigenas tupis”; Bateria “Africanos”.
Fonte: Carnaval em Bauru.

cação das escolas, e diversos prêmios como o “Tamborim de Ouro” pela melhor fantasia de ala (“Ala dos Portugueses”), prêmio de melhor samba-enredo e prêmio de melhor harmonia. Decidiu-se, de comum acordo, encerrar a parceria, uma vez que os objetivos pretendidos no tocante ao intercâmbio de conhecimentos terem atingido seu limite.

Grêmio Recreativo Escola de Samba “Acadêmicos da Cartola”

A parceria teve início ainda no ano de 2016, no mês de outubro, quando o LABSOL foi procurado, em função da notoriedade do trabalho que durou três anos, com o Grêmio Recreativo Escola de Samba “Coroa Imperial da Grande Cidade”. O laboratório solicitou a oportunidade de continuar a desenvolver um trabalho pautado no reaproveitamento de materiais advindos de fantasias criadas para outros desfiles, a fim de praticar e difundir a sustentabilidade no carnaval. Partes acertadas e de comum acordo, havia muito trabalho a ser cumprido em um curto período de tempo. O carnaval bauruense sofria com a insegurança da mudança de gestão na Prefeitura do Município de Bauru, que tardou em garantir que a verba destinada às escolas de samba seria liberada.

O enredo escolhido foi resultado da troca de conhecimentos entre o saber acadêmicos e o popular. A ideia foi de uma das responsáveis pela execução das fantasias da Coroa Impe-

rial, Michele de Oliveira. “Felizes para sempre no reino encantado na Cartola” remontou os principais e mais conhecidos contos de fadas transmitidos pela tradição oral, de geração em geração. Foram prototipadas dez alas, sendo cinco a partir de fantasias de outros desfiles e as outras utilizando materiais que a escola já possuía, mas não havia encontrado utilidade. Um exemplo interessante foi a incorporação de resíduos de um plástico bolha azul que é comercializado com a finalidade de cobrir piscinas, à uma fantasia de ala, o “Gato de Botas”.

Além das alas, quatro carros alegóricos foram idealizados e sessenta destaques elaborados, entre eles, comissão de frente, mestre sala e porta-bandeira, rainha de bateria, destaques de chão e de carro alegórico, totalizando setenta e quatro produtos técnicos.

O trabalho obteve várias formas de êxito, entre eles um honroso segundo lugar na classificação geral do carnaval, entre as escolas de samba do município de Bauru. Contudo, o LABSOL considera que outras conquistas foram mais importantes, do ponto de vista sociocultural e científico, como a valorização da cultura por meio da arte das comunidades, expressa no carnaval, o fomento da criação de uma consciência da importância da sustentabilidade ambiental e o aprendizado dos alunos sobre a utilização de novos materiais, técnicas, processos, bem como a construção de conhecimentos pautados na prática, na relação com a comunidade da escola de samba, num ambiente profícuo à formação para a cidadania.

Outro resultado importante foi a redução de custos que o carnaval sustentável gerou. O presidente da escola declarou ao Jornal da Cidade, na edição do dia 27 de fevereiro de 2017: “Este foi um dos Carnavais mais baratos da Cartola, porém, um dos melhores”. O trabalho a partir desta parceria proporciona a difusão da existência de um projeto de extensão atuante, como é o LABSOL, para o município de Bauru e região, para a UNESP e outras univer-



Figura 15 a 18: Carnaval de 2017 – Carro Abre Alas “Mundo encantado”; Destaque “Gênio do bem”; Ala “Gato de Botas”; Mestre sala e Porta bandeira “A bela e a fera. Fonte: Carnaval em Bauru

sidades, por meio de reportagens nos meios de comunicação e pelo desenvolvimento de pesquisas divulgadas em eventos acadêmicos e científicos, periódicos e livros.

No ano de 2017 a parceria continuou, na preparação para o carnaval que foi apresentado em 2018. Desta vez com o enredo “As mãos”, escolhido pelo presidente da agremiação. A premissa era representar no desfile tudo o que as mãos são capazes de fazer, como trabalhar, criar, curar, brincar, plantar, rezar e fazer o carnaval. Neste ano a escola dispunha de menos recursos financeiros e realizou um trabalho mais modesto, principalmente com os carros alegóricos. Para que o intento se concretizasse se fez mister o reaproveitamento de elementos de desfiles anteriores. A escola de samba e o LABSOL foram coroados com êxito, alçando o primeiro lugar entre as escolas de samba da cidade Bauru, premiação muito festejada por toda a comunidade. Agora é aguardar os próximos passos desta trajetória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto LABSOL tem proporcionado aos alunos experiências que só a extensão universitária o faz. O contato indelével com universos distintos, por meio da convivência com as comunidades, forja o caráter e proporciona a oportunidade de promover ações que não se encerram na simples transmissão dos conhecimentos produzidos na universidade, mas se pautam no processo dialógico, onde se dá a troca de saberes. O saber popular, aliado ao conhecimento erudito, formará um novo saber, que por meio de seu teste e verificação nas diversas realidades, se torna efetivo. O saber, produto dessa relação é então, passível de promover mudanças sociais reais e não apenas elucubrações que se encerram no intramuros da universidade. O aluno que tem a oportunidade de, durante a sua graduação, experimentar um projeto como o LABSOL não se forma apenas como designer, mas também como cidadão cômico dos seus deveres para com a sociedade.



Figura 19 a 22: Carnaval de 2018 – Carro “O Artesanato”; Ala “As mão que fazem o artesanato”; Mestre sala e Porta bandeira “A mão que faz a rede faz a renda”; Bateria “Os operários”. Fonte: Samantha Ciuffa – Jornal da Cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO (CMMAD). *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1988.

BASTIAN, Winnie. *Design holandês e artesanato brasileiro*. Publicado por A CASA em 29 de Novembro de 2001. Disponível na internet por http em: Acesso em 15 mai. 2016.

BAXTER, Mike. *Projeto de Produto*. Guia prático para o design de novos produtos. Tradução Itiro lida. Editora Blucher, 2011.

BORGES, Adélia. *Design+Artesanato: O caminho brasileiro*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª edição, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987. _____ *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.

GOYA, C. R., *Carnaval, Cultura Popular e Design - Uma Experiência de Extensão Universitária em Design In: Ensaios em Design - Práticas Interdisciplinares*. 1 ed. Bauru: Canal 6 Editora, 2014, p. 136-156.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. *O Desenvolvimento de Produtos Sustentáveis*. São Paulo: USP. 2008. PAPANEKI, Victor J. *Diseñar para el mundo real*. Madrid: Editora Blume: 1977.

PAPANEK, Victor (1971). *Design for the Real World: Human Ecology and Social Change*. New York: Pantheon Books, 1977.

SINGER, Paul. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.



CLAUDIO ROBERTO Y GOYA

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1986) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (1999). Professor assistente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho no curso de Design. Coordenador do Curso de Design da FAAC Unesp Bauru. Tem experiência nas áreas de Arquitetura, Paisagismo e na área de Design, com formação polivalente atua principalmente nos seguintes temas: design, design social, projeto de produto, design contemporâneo e design de calçados e de figurinos. Atualmente é Professor Assistente Doutor no Departamento de Design da Universidade Estadual Paulista Júlio - UNESP. Participa do Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino Design Contemporâneo e do Grupo de Pesquisa Design Contemporâneo: sistemas, objetos e cultura. Entre 2010 e 2013 assumiu a coordenação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unesp Campus de Bauru. Desde março de 2007 coordena o Laboratório de Design Solidário da FAAC UNESP Bauru - Labsol, onde pesquisa tecnologias sociais relacionadas ao Design e atende comunidades em atividades de extensão. O Labsol tem como referenciais teóricos a Economia Solidária, a Sustentabilidade, o Ecodesign e a Dialógicidade. Desde 2017 é professor visitante membro do Corpo Acadêmico do Doutorado em Design da Universidade de Palermo em Buenos Aires, Argentina.